

4^a Parte

Discursos

A “Casa” de Natércia!

Artur Eduardo Benevides

Natércia Campos, uma das maiores inteligências do Ceará e que ganhou, comigo, o Prêmio Nestlé de Literatura, de São Paulo, em 1988, obtendo o Prêmio Osmundo Pontes, de 1998, revela, mais uma vez, um talento legítimo e puro, com o Romance *A Casa*, demonstrando que nasceu para exercer o ofício literário, assumido por ela com a segurança e a força dos grandes nomes, no gênero.

A CASA é um livro que enriquece, verdadeiramente, a Literatura Cearense dos nossos dias, onde alguns equívocos ainda se registram, como, de resto, em todo o País, diminuindo o prestígio da ficção e da poesia, como testemunhos do ser, do tempo e da vida. Há uma inaceitável fome de urgência, em lançamento de livros, nos últimos anos, pois muitos autores não esperam que seus textos amadureçam como os frutos nas árvores, para lembrar uma expressão de Rilke, com o que – e só assim – nos alimentariam com sua beleza.

Isso, evidentemente, não poderia aplicar-se a Natércia Campos, dona de imenso talento ficcional e autora de livros que a identificam como uma de nossas melhores e mais vocacionadas escritoras.

Seu romance é originalíssimo, pois A CASA, além de espaço habitacional, é, ela própria, a protagonista da história. A um tempo só, abriga, ama, lembra, embala, questiona e vive como um ser de pedra e cal, que contém todas as vibrações e êxtases de uma alma.

Ela contraria frontalmente a afirmativa de Massaud Moisés, em seu magnífico “Dicionário de Termos Literários”, segundo a qual, por uma simples restrição de natureza semântica, só os seres humanos podem ser personagens, o que lamentavelmente, excluiria dessa condição, na Literatura, como já enfatizei em outra ocasião, figuras como Moby Dick, de Melville; o touro Miúra, de Miguel Torga; o Pássaro Azul, de Maeterlinck; o Burrinho Pedrês, de Rosa;

Palavras proferidas no Ideal Clube, de Fortaleza, a 4 de agosto de 1999, no lançamento de *A Casa*.

a cachorra Baleia, de Graciliano Ramos; os Cavalinhos de Platiplanto, de J. J. Veiga – e muitas outras, lembrando mais as fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine e os grandes contos orientais.

A CASA, de Natércia Campos, funciona como um legítimo personagem, ou o principal narrador de sua obra, em que se destacam a linguagem adequada, o *pathos* e os componentes poéticos e míticos.

De acordo, aliás, com certas doutrinas esotéricas, as velhas casas guardam, em seu silêncio afagado pelos ventos, algumas de nossas mais fortes vibrações vitais, o que explicaria certos fenômenos incomuns ou transcendentais. São lembranças, emoções, vozes, medos, saudades e idílios que se fixam em seus elementos tectônicos, e com tanta força, que, muitos anos depois, ao ingressarmos nelas, sentimos sua presença indizível, não sendo poucos os casos de assombrações.

Afirma-se, aliás, com foros de verdade, que os porões de certas casas dos tempos coloniais conservavam os gritos dos escravos surrados injustamente, enquanto as da época imperial retinham o rumor dos bailes, em que as sinhás-moças se guardavam faceiras atrás de seus grandes leques, à luz de brilhantes candelabros.

Sei de mim que, ao conhecer Brasília, pouco tempo depois de sua inauguração, confidenciei a um amigo querido:

– Uma cidade sem alma.

O mesmo não poderia dizer do Rio de Janeiro, de Buenos Aires, de Roma, de Paris, ou de Madri, onde o espírito do tempo fez morada. E juro que, ao visitar a casa de meu avô, em Pacatuba, depois que a família a doara à Igreja, para a instalação de um colégio, tive a nítida impressão de haver escutado o balanço da cadeira de minha avó, que esperou, até morrer, a volta de um filho que partira, enquanto “o pêndulo do relógio mastigava a eternidade”, como no verso de José Hélder de Sousa.

Acho, portanto, muito poético que Natércia Campos haja escolhido uma casa como protagonista de seu romance, com as pessoas servindo de deuteragonistas e tritagonistas, de acordo com a velha classificação do teatro grego. E escreveu um romance de irrecusável beleza, cujo espaço geográfico, ou base telúrica, é o sertão nordestino, com seu inesgotável fabulário e ocorrências de *poltergeist*.

Mas, o que, em plenitude, é uma casa, a fim de possuir essa invulgar importância? Para vir a sê-lo, verdadeiramente, deve ter sido, antes de tudo, um lar, conservando um pouco das lágrimas, das alegrias, das aflições, das esperanças, dos amores, dos sonhos, das reuniões de família, das refeições, das músicas, enfim. Em uma palavra, haver participado da família, como um de seus membros mais significativos. E é isso o que vemos nesse belo romance, feito de forma harmoniosa e suave, em que tudo tem vida, até a sombra das árvores. E a beleza, já nos ensinava Platão, é o esplendor da verdade, embora, as mais das vezes, seja mortal, passe e não dure, como no verso melancólico de Petrarca.

A narrativa naterciana é leve e ágil, mesmo compacta, inteiriça, completa, densa. A Casa nos fala e nos comove. Sua vida é a vida dos outros. Dos que nela moraram, ou a amaram, ou lhe deram uma alma, uma razão existencial de maior conteúdo.

O tema não é muito numeroso na Literatura universal, não se podendo falar de prógonos e epígonos. E eu lembraria, *en passant*, as *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoievski; a *Casa das Sete Torres*, de Nathanael Hawthorne; a *Casa de Boneca*, de Ibsen; *A Ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queiroz; a *Casa de Pensão* (romance) e a *Casa de Orates* (teatro), de Aluisio de Azevedo; *Relíquias da Casa Velha*, de Machado de Assis; *Três casas e um rio*, de Dalcídio Jurandir; *A Casa*, de Emílio Moura; *A Casa de Palha*, de Franklin Távora; *A Casa Mal-Assombrada*, de Adolfo Bezerra de Menezes; *Casa de Azulejos*, de Papi Júnior; *A Casa de Vidro*, de Ivan Angelo; *A Casa dos Budas Ditosos*, de João Ubaldo Ribeiro; *Crônica da Casa Assassinada*, de Lúcio Cardoso; *A Casa*, de Renata Pallottini; *O Casarão*, de Caio Porfírio Carneiro; *A Casa da Paixão*, de Nélida Piñon; *A Casa dos Arreios*, de Carlos Nejar; *A Casa da Água*, de Antônio Olinto, sem esquecer *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, recentemente transformada em filme, como já o fora *A Casa de Chá do Luar de Agosto*, de Verd Sneider; ou *A Casa Assassinada*, do brasileiro Paulo César Sarraceni, com Norma Bengell, baseado em texto de Lúcio Cardoso. Em Poesia, temos *A Casa Destelhada*, de Rodrigues de Abreu, e *A Casa Mal-Assombrada*, de Álvaro Martins. E não podemos esquecer *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre.

no campo da sociologia. Na Antigüidade Clássica, temos a *A Casa Mal-Assombrada*, de Plínio, o Moço. Não se esqueça, por fim, *A Casa do Rio Vermelho*, de Zélia Gattai, e *A Casa do Poeta Trágico*, de Carlos Heitor Cony.

O Cristo, referindo-se certa vez ao Paraíso, disse aos seus apóstolos: “A Casa de meu pai tem muitas moradas”. E a palavra significa, também, família, linhagem, estirpe. E assim se fala em Casa de David, na Bíblia. E oportuno é lembrar que a Academia Brasileira de Letras é conhecida como a Casa de Machado de Assis, sendo a nossa, a Cearense, a Casa de Tomaz Pompeu.

A residência do Presidente dos Estados Unidos se chama Casa Branca. A do argentino Casa Rosada. E não esqueçamos que, na antiga monarquia portuguesa, havia uma Casa da Suplicação, que corresponderia, *up to date*, ao nosso Supremo Tribunal. Isso sem falar na Casa da Moeda, ou na Ilha da Casa, esta no nosso imenso rio São Francisco. E o povo, que adora os provérbios, adágios e anexins, diz sempre sorrindo: “quem casa quer casa longe da casa onde casa”.

O apelo ou recorrência a essa palavra é universal e constante em todas as línguas, pois se trata de um dos componentes maiores da vida social do ser humano.

Creio, portanto, não ter sido por acaso que esse tema despertou o interesse de Natércia Campos. Ela, porém, colocou a Casa como narradora de seu próprio universo e fulcro de sua fábula, produzindo um livro que constitui verdadeiro repositório de beleza. E a Casa, mais que um tema, passa a ser uma entidade viva, intemporal, memoriosa, afável, plena, em que se acham até mesmo pequenos episódios fantásticos, ao longo do entrecho. Ela é a pedra em que o tempo está sentado, o lume que clareia caminhos que se perderam ou o alpendre enluarado a acolher e proteger o sono daqueles que se foram, ou se encantaram, como diria Guimarães Rosa. E, tendo participado de muitas vidas e destinos, funciona como um espelho que reflete cenas e acontecimentos inesquecíveis, ou os recria demiurgicamente, com o poder incessante e sedutor da saudade.

Na realidade, a velha Casa, chamada das Trindades, tudo sabe dos tempos idos e vividos, dos costumes e tradições de seu clã, dos desassossegos das moças, dos cavaleiros que chegavam, dos ódios e amores, das crenças e fantasias, ou do falar dos ventos

segredando os mistérios das distâncias. É uma história diferente, onde todos vivem e já não vivem: são memórias, lembranças, evocações. E há, de quando em raro, o sopro imemorial do sobrenatural, das velhas heranças étnicas, do imaginário caboclo, das cousas noturnas, dos trasgos e encantamentos, da rica linguagem da natureza, dos bichos e das aves. Ao fim e ao cabo, todo o conteúdo é extremamente significativo e mostra a perfeita consciência da autora no que concerne às exigências formais e essenciais da Literatura. Um livro, enfim, em que se sente o aroma da vida e do sonho, das cousas reais e surreais, com grande expressividade lingüística e substrato poético. E não se pode pedir mais a nenhum escritor.

Natércia Campos, como muito bem assinalou Jorge Medauar, um dos grandes nomes da Literatura de São Paulo, é uma escritora realizada, que ele coloca na categoria dos mestres. E eu também. Se não escreveu uma obra genial – e essas são raras na Literatura do mundo – é certo que fez um livro belíssimo, que lemos com o maior encanto, na certeza de estarmos diante de uma das melhores escritoras cearenses, que honra e engrandece a memória de seu pai, o nosso inesquecível Moreira Campos.

Penetremos, pois, nesta Casa, sem temor. Como os altos céus, ela está cheia de estrelas que nos virão iluminar. Ou de brandas falas que aliviarão nosso cansaço. E de recordações que servirão de travesseiros à nossa solidão.

E todos poderão ter uma grande certeza: irão ler um livro que é bem mais do que um livro: é uma luz. E isso diz tudo, com os nossos louvores a Natércia, por seu admirável poder de recriar o universo no campo da ficção, onde os sonhos, o tempo, o amor e a vida aguardam como um som adormecido para que sejam restaurados e reincorporados às expectativas de nossa alma, alimentada de esperança, de fé e de beleza, esta considerada, por muitos autores, irmã gêmea da verdade.

Em última análise, A CASA transcende sua condição de romance para ser uma grande saudade a nos enviar sua voz de luar, qual murmúrio de amor às margens do caminho, através das brisas errantes do tempo que não morre. Nada, aliás, morre completamente, já nos ensinava Horácio na velha Roma – *non omnis moriar*. E que casa linda Natércia nos revelou, certamente guardada, hoje, pelos anjos, nos prados verdejantes do eterno!

Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, que disse: "Se um dia me acontecer alguma pecúnia, comprarei uma ilha", eu diria: se a pecúnia me vier, comprarei aquela casa, para conversar com ela. Afinal, só aos poetas é dado o direito de comprar um sonho. E de nele habitar para sempre, como imperiosa necessidade a que jamais poderão fugir, mesmo porque eles também fazem parte do grande sonho acordado referido por Bachelard, enquanto, ao fim da noite das fogueiras, Manuel Bandeira vai-se embora para Pasárgada; o Rei Arthur desperta em Avalon e recria o Reino de Camelot; Proust reencontra o tempo perdido na rósea face das raparigas em flor; e Leviatã, saindo do Mar, engole as sete cores do último arco-íris, o que obriga o Filho Pródigo a regressar à Casa Paterna, onde o perdão e o amor, de mãos dadas, o recebem, tornando o mundo, por um minuto, feliz como as velhas bailarinas aplaudidas de repente, do verso famoso de Schmidt.

E essa Casa talvez onírica, de Natércia, é capaz de ouvir os velhos sinos que acordam as aldeias de Portugal e o tropel do cavalo de Dom Quixote, "el ingenioso hidalgo", que separou, com sua reluzente espada, a realidade do sonho e ainda prossegue, pelas tardes da Mancha, na divina loucura dos que amam e esperam, até que Dom Sebastião retorne de Alcácer para fundar o Quinto Império, Hamlet se liberte de sua imensa dúvida e o Fausto consiga a serenidade de envelhecer, ou possamos ver, como no Princípio dos tempos, o espírito de Deus andando sobre as águas.

E quando a neve cair ou o frio inverno reingressar no ventre do Sem-Fim, todos nós voltaremos para casa, como os caçadores e os marinheiros fatigados de silêncios e horizontes intermináveis. Voltar para casa é uma grande bênção que nem sabemos ao menos agradecer. E ela nos acolherá semelhante às mães que aguardam longamente os filhos que partiram.

Por tudo isso, A CASA, de Natércia Campos, é como um porto onde muitos abrigam sua esperança, sua saga, sua lenda, seu idílio, sua fábula, ou o inventário de suas próprias vidas. Uma Casa que ninguém esquecerá, sobre cujas sombras assobiam, como flautas fantásticas, os ventos infinitos, que, às vezes, sussurram, no final das tardes, os nomes que um dia todos nós amamos e iluminaram o nosso coração.